



miguilim

revista eletrônica do nefli

volume 9, número 3, set.-dez. 2020

A ESTÉTICA DO APAGAMENTO DA IDENTIDADE FEMININA EM *ELE ME BEBEU*, DE CLARICE LISPECTOR



AESTHETICS OF FEMALE IDENTITY'S ERASURE IN *ELE ME BEBEU*, BY CLARICE LISPECTOR

Izaías Serafim de LIMA NETO
Ana Paula Lima CARNEIRO
José Veranildo Lopes da COSTA JUNIOR

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, Brasil

RESUMO | INDEXAÇÃO | TEXTO | REFERÊNCIAS | CITAR ESTE ARTIGO | O AUTOR

RECEBIDO EM 01/04/2020 • APROVADO EM 17/08/2020

DOI: <https://doi.org/10.47295/mgren.v9i3.2329>

Resumo

Este artigo propõe-se a apresentar um exame do conto “Ele me bebeu”, originalmente publicado no livro *A Via Crucis do Corpo*, por Clarice Lispector, em 1974. A discussão, fundamentada em autores como Butler (2003), Foucault (2015) e Zolin (2009; 2010), busca perceber os mecanismos de apagamento da identidade feminina da protagonista Aurélia Nascimento. As análises mostram que a personagem principal do conto se percebe apagada por um conjunto de apetrechos estéticos, típicos do mundo globalizado. Este fato nos leva a um paradoxo contemporâneo: a beleza natural da mulher é apagada por um sentimento de

incompletude, decorrente do uso de maquiagens em nome da busca por uma beleza fabricada.

Abstract

This article aims to present an examination of the short story “Ele me bebeu”, originally published in the book *A Via Crucis do Corpo*, by Clarice Lispector, in 1974. The discussion, based on authors such as Butler (2003), Foucault (2015) and Zolin (2009; 2010), seeks to understand the mechanisms for erasing the feminine identity of the character Aurélia Nascimento. The analysis shows that the main character of the story is perceived to be erased by a set of aesthetic equipment, typical of the globalized world. This fact leads us to a contemporary paradox: the woman's natural beauty is erased by a feeling of incompleteness, resulting from the use of makeup in the name of the search for manufactured beauty.

Entradas para indexação

PALAVRAS-CHAVE: Clarice Lispector. Identidade feminina. Estética do apagamento.

KEYWORDS: Clarice Lispector. Female identity. Aesthetics of erasure.

Texto integral

Nascida na Ucrânia, em 1920, Clarice Lispector chegou ao Brasil em 1922, quando seus pais decidiram fugir da Europa durante a Guerra Civil Russa. Inicialmente, Maceió, no estado de Alagoas, foi a primeira cidade brasileira a acolher a família de imigrantes de origem judaica. Logo em seguida, fixaram residência na cidade do Recife, em Pernambuco, onde Clarice viveu grande parte da sua infância. Quando completou quatorze anos de idade, a família iniciou uma nova mudança com destino ao Rio de Janeiro, onde a jovem imigrante entra para a cena cultural e literária do país.

Em um primeiro momento, Clarice Lispector causou incômodo com a publicação do seu romance de estreia, intitulado *Perto do coração selvagem*, lançado em 1943. Naquele ano, a crítica brasileira experimentou uma escritura inovadora, de uma autora considerada, até então, “estrangeira”. Em seguida, outros romances foram publicados, como *O Lustre* (1964), *A cidade sitiada* (1949), *A maçã no escuro* (1961), *A paixão segundo G. H.* (1964) e *Uma aprendizagem ou O livro dos prazeres* (1969), sendo estes dois últimos lançados em plena ditadura militar.

Além dos romances, Clarice também se dedicou à escrita narrativa de contos. Em 1974, por exemplo, é publicado *A via Crucis do Corpo*, obra composta por um conjunto de treze contos que problematizam temas diversos, sempre estabelecendo uma reflexão com os devaneios da sociedade do tempo presente.

Este artigo propõe-se, então, a realizar uma análise do conto “Ele me bebeu”, presente na referida obra, buscando perceber os mecanismos narrativos que apontam para a estética como apagamento da identidade feminina. Nesta

narrativa curta, corpo e desejo se apresentam como os temas que dão vida ao enredo, construído em torno da identidade feminina da personagem protagonista, Aurélia Nascimento. A trama também coloca em pauta as identidades sexuais a partir do comportamento do maquiador Serjoca e do metalúrgico Affonso Carvalho.

A partir da personalidade de Aurélia Nascimento pode-se perceber um processo de apagamento da identidade feminina, o que representa um sentimento de incompletude e de busca constante por um padrão de beleza inalcançável. Metaforicamente, poderíamos dizer que a identidade de Aurélia é manchada e, posteriormente, apagada pela maquiagem que, em um primeiro momento, a torna sedutora e feminina, mas por outro, apaga a beleza natural da mulher, ao condicionar o belo ao uso de cosméticos.

Desse modo, o texto de Clarice problematiza um padrão de beleza imposto pela sociedade do consumo e da imagem, chegando a apagar a beleza natural da mulher. Há, assim, duas críticas: a primeira ao mundo capitalista que vende a imagem da mulher “perfeita”, condicionando-a ao uso de maquiagens, roupas, bolsas e sapatos. A segunda a um sentimento de incompletude, como desdobramento do mundo capitalista, que chega a apagar a beleza natural, fazendo a mulher se sentir menor por não representar o padrão imposto por esta sociedade narcisista.

Por uma crítica ao mundo da imagem, Clarice Lispector ficou conhecida, no bojo dos estudos feministas, como um divisor de águas na narrativa contemporânea, ao representar a força e o empoderamento da mulher moderna, pois:

A literatura de autoria feminina brasileira edificada na esteirado projeto narrativo de Clarice Lispector, tomada a partir de seu conjunto, problematiza as expectativas em torno da mulher – sobretudo no que tange a sua “obrigação” de zelar pelo lar, marido e filhos- e lhe expressa a resistência, acenando para novas possibilidades relacionadas a seu modo de estar no mundo (ZOLIN, 2010, p. 187).

Dessa forma, em “Ele me bebeu” Clarice acentua a sua crítica a um modelo padrão de beleza, através do sentimento de apagamento e de incompletude vivenciado pela protagonista Aurélia Nascimento, uma mulher de nome comum, cuja história pode se aproximar da vida de muitas outras mulheres. Portanto, neste conto, temos uma escritura que se debruça de maneira profunda na beleza feminina, levando-nos a refletir sobre a condição da mulher na sociedade narcisista do tempo presente.

A ESTÉTICA DO APAGAMENTO DA IDENTIDADE FEMININA: UMA ANÁLISE DA PERSONAGEM AURÉLIA NASCIMENTO

Nos elementos pré-textuais da obra *A Via Crucis do Corpo*, Clarice afirma que este livro fora encomendado em uma sexta-feira pelo poeta Álvaro Pacheco. No domingo seguinte três contos já estavam prontos. Ela ironiza a produção, dizendo que as histórias contadas contêm indecências (para uma sociedade conservadora) e que, por isso, decidia publicar com o pseudônimo de Cláudio Lemos – já que, naquela época, era socialmente aceito que homens se dedicassem a este tipo de narrativa – ou a textos que falam sobre corpo e desejo, como no conto o qual estamos analisando neste artigo.

Entretanto, o poeta não aceitou o trato e afirmou que Clarice deveria ter liberdade para escrever o que quisesse. Ao final, ela brinca: “Que podia fazer? Senão ser a vítima de mim mesma. Só peço a Deus que ninguém me encomende mais nada” (LISPECTOR, 1984, p. 08). Como dito, a ironia tentava justificar a temática erótica que permeia vários dos contos da coletânea encomendada, trazendo também transgressões de personagens femininas para o centro do debate. A publicação (e a recepção dos contos na sociedade brasileira do século XX) é vista de duas formas: como um incômodo, para o setor patriarcal, mas também como uma escritura de empoderamento, uma vez que a publicação implicava reconhecer a liberdade da mulher para escrever sobre o que quisesse.

Para Zolin (2009), desde os anos 1960 a mulher tem se tornado objeto de estudo em diversos campos do saber. Na crítica literária, por outro lado, seria um erro dizer que as mulheres apareceram em cena somente a partir da década de 1960. Nessa área do saber, assim como em diversas outras, a mulher foi constantemente silenciada pelo patriarcado e esquecida pelo cânone literário, majoritariamente formado por homens, brancos e oriundos das classes sociais altas¹. Contudo, mesmo inseridas em um horizonte de penumbra, as mulheres utilizaram a escrita como um mecanismo de resistência a um padrão de vida tradicional, rompendo com a clássica ideia de que a mulher nasceu para os trabalhos domésticos e para a maternidade.

Poderíamos, assim, citar uma lista de mulheres que, ao dedicar-se ao labor literário, rompem com a limitada vida patriarcal. O termo “mulher”, nesse sentido, ganha uma carga semântica múltipla e heterogênea. Trata-se de mulheres brancas, negras, indígenas, lésbicas, periféricas, estrangeiras, pobres, africanas, orientais, latino-americanas etc, que transformam a escritura em um instrumento de resistência ao machismo e a misoginia.

Mesmo correndo o risco da repetição, ressaltamos que, na produção literária brasileira, um dos nomes que merece destaque é Clarice Lispector, uma escritora que, por meio de suas narrativas, questiona a posição social sancionada para as mulheres, ao representar a insatisfação das personagens femininas diante dos papéis sociais a elas atribuídos. Portanto, Clarice tematiza, em seu projeto literário, alguns aspectos que, no que diz respeito à estética literária e aos estudos sociológicos, são preponderantes às questões de gênero e sexualidade na contemporaneidade.

Em “Ele me bebeu”, a protagonista, Aurélia Nascimento, é descrita a partir da focalização na sua forma física e nos apetrechos estéticos que lhe servem de indumentária. Dito isso, acreditamos que Clarice, ao trazer para a ficção esta

personagem feminina, coloca em discussão os modos sociais de comportamento por meio dos quais as mulheres são interpeladas em nossa sociedade, condicionando a maquiagem a um imaginário de beleza padrão. No conto, ela é caracterizada da seguinte forma: “Aurélia era bonita e, maquilada, ficava deslumbrante. Era loura, usava peruca e cílios postiços” (LISPECTOR, 1984, p. 38).

Os traços da personagem delineiam um sujeito feminino atravessado por estereótipos fincados em determinados objetos de consumo que, em nosso meio cultural, ampliam ou produzem lampejos de “beleza”, dentre os quais se destacam: perucas e cílios postiços, citados no texto de Clarice. Essas indumentárias funcionam, de acordo com Butler (2003), como signos não-discursivos que produzem efeitos de sentido em um determinado campo de enunciados. Torna-se importante, ainda, mencionar que, em um mundo patriarcal, o feminino é constantemente avaliado pelo olhar do homem, o que ocorre também no conto, uma vez que a personagem Aurélia busca um padrão de beleza não só para sentir-se bem, mas também para mostrar-se para o outro.

Entendemos, nesse sentido, a construção de um sujeito mulher e as possíveis feminilidades como *arquétipos*, isto é, não há essencialidade no comportamento social da mulher, no sentido de que a história, as práticas discursivas, as instituições têm formulado e retroalimentado ideários estéticos e comportamentais que incidem sobre a existência do feminino.

Essa ótica machista é, possivelmente, uma reatualização do sistema greco-romano de controle da experiência de viver o gênero feminino. Michel Foucault (2015a), ao tratar das teorizações clássicas sobre amor, mostra que o uso de adornos ou maquiagens era um sinal de desvalor ao amor feminino. De acordo com o filósofo, as relações de amor entre homens eram tidas como *verdadeiras*, pois aos sujeitos do gênero masculino não lhes era permitido ou necessário maquiarem-se. Seus “encantos” eram naturais, sem subterfúgios.

Por sua vez, os sujeitos do gênero feminino produziam um amor *falso* (ou maquiado), pois suas peles, rostos e cabelos eram o tempo todo alterados com penduricalhos e tratamentos estéticos de melhoramento (FOUCAULT, 2015^a). Logo, a estética como procedimento de anulação de “feiúras” deslegitimava a beleza feminina, forjada, em detrimento da beleza masculina, natural. Nessa orientação, é suscetível pensar a estética utilizada por Aurélia como processo e resultado de uma cultura que incide no apagamento da natureza feminina. A maquiagem, então, constitui-se em um modo de enganar a visão e os sentidos masculinos.

A personagem de Clarice é descrita a partir dos apetrechos que usa, e sua fisionomia é moldada e emoldurada segundo um regime específico de *ser e mostrar-se para o mundo*: a necessidade da performance de gênero (BUTLER, 2003) feminino resultar no falseamento da natureza do corpo da mulher, o que implica encaixar-se em um padrão normativo que se divide em belo ou feio. Não diferentemente desta perspectiva, Aurélia é descrita com os seguintes termos:

Ela se vestia bem, era caprichada. Usava lentes de contato. E seios postiços. Mas os seus mesmos eram lindos, pontudos. Só usava os postiços porque tinha pouco busto. Sua boca era um botão de vermelha rosa. E os dentes grandes, brancos (LISPECTOR, 1984, p. 38).

Forma-se a imagem da mulher moderna que, buscando atingir um padrão de beleza imposto pela sociedade patriarcal, torna-se dependente da indústria de beleza e acessórios para constituir a sua beleza feminina. Ao longo da construção da narrativa, Aurélia é impelida por um senso interno (produzido através dos aparatos sociais que formulam as performances de gênero feminino com ideários de beleza exuberante, sem defeitos, delicada) de fragilidade. Isso é possível de ser pensado a partir de um regime de verdades que corporificam a experiência feminina em uma dependência constante do auxílio de um homem. A vida, pois, de uma mulher, tal como a de Aurélia, está no entorno de ser salva, amparada, pela personagem masculina, tal como a de Affonso. Consideramos isto a partir da averiguação do seguinte trecho do conto:

— Eu lhe agradeceria muito, inclusive porque estou com dor no pé. Mas não disse que tinha calos. Escondeu o defeito. Estava maquiladíssima e olhou com desejo o homem. Ela na frente, ao lado do chofer, os dois atrás. Tirou discretamente o sapato e suspirou de alívio (LISPECTOR, 1984, p. 38).

Parece que a personagem é influenciada por um culto do corpo perfeito, a partir dos seguintes indícios: a personagem esconde um calo que tinha no pé, pois mulheres perfeitas têm os pés impecáveis. Esse culto ao corpo nos faz retomar as ideias que Foucault (2015a) discute no sentido de tratar a sexualidade dos sujeitos como um processo em que as identidades se centralizam no corpo, o corpo sexual. Por sua vez, o corpo sexual é aparatado de performatividades de gênero (BUTLER, 2003), as quais se orientam na produção de sujeitos-corpos-sexuais gendricados, cujos comportamentos se aliam aos ideários de masculinidade e feminilidade vigentes.

Portanto, ao suportar a dor e o machucado dos sapatos para não causar má impressão ao homem que está na sua frente, a personagem mostra que uma experiência feminina de viver e de estar no mundo encontra-se condicionada ao olhar do homem sobre tal perspectiva, como pode-se comprovar no seguinte excerto:

O apartamento era atapetado de branco e lá havia escultura de Bruno Giorgi. Sentaram-se, tomaram outro drinque e foram para a sala de jantar. Mesa de jacarandá. Garçom servindo à esquerda. Serjoca não sabia comer escargots e atrapalhou-se todo com os talheres especiais. Não gostou. Mas Aurélia gostou muito, se bem

que tivesse medo de ter hálito de alho. Mas beberam champanha francesa durante o jantar todo (LISPECTOR, 1984, p. 42).

Enquanto não havia nenhum problema por Serjoca se atrapalhar com os talheres, Aurélia demonstra, durante o jantar, receio por estar com um suposto hálito de alho – o que seria negativo para uma mulher como a que ela deseja ser. No decorrer da narrativa, Aurélia se defronta com uma epifania: a descoberta de si. Essa descoberta ocorre porque, em uma situação de desejo, a aparência de Aurélia torna-se o fio condutor para que a personagem questionasse os interesses de seu maquiador Serjoca ao maquiá-la. O seu corpo emerge como palco de uma luta entre o apagamento e o nascimento. Percebamos:

Então, enquanto era maquilada, pensou: Serjoca está me tirando o rosto. A impressão era a de que ele apagava os seus traços: vazia, uma cara só de carne. Carne morena. Sentiu mal-estar. Pediu licença e foi ao banheiro para se olhar ao espelho. Era isso mesmo que ela imaginara: Serjoca tinha anulado o seu rosto. Mesmo os ossos — e tinha uma ossatura espetacular — mesmo os ossos tinham desaparecido. Ele está me bebendo, pensou, ele vai me destruir. E é por causa do Affonso (LISPECTOR, 1984, p. 42).

É perceptível que o apagamento é descoberto apenas pela tomada de consciência da disputa entre o maquiador e a personagem Aurélia, e pela atenção do empresário, o que denota para ambos os sujeitos tematizados na narrativa (a mulher e o homossexual) têm suas existências pautadas pela busca por um homem que sacie os seus desejos. Ademais, a intempérie de perceber-se apagada pela maquiagem, de Serjoca, produz em Aurélia uma experiência de si, nos moldes foucaultianos da ética e estética da existência, a qual se propõe a produzir a si mesma através da redescoberta do que lhe é íntimo e *seu*, como podemos perceber a seguir:

Era mentira: não ia porque não tinha cara para mostrar. Chegou em casa, tomou um longo banho de imersão com espuma, ficou pensando: daqui a pouco ele me tira o corpo também. O que fazer para recuperar o que fora seu? A sua individualidade? (LISPECTOR, 1984, p. 43).

O apagamento de Aurélia pode ser comparado ao que muitas mulheres sofreram ao longo do tempo, pois a história foi marcada pela diminuição do papel da mulher no meio social, e essa desqualificação da mulher pela sociedade persiste no tempo presente – e é constantemente representado pela literatura. É importante, pois, ressaltar que ao longo do tempo, por meio de suas lutas, a mulher alcançou várias conquistas na vida profissional, isso à custa de muitas provas.

No limiar do século XXI vê-se, com satisfação, que o quadro começa a ser alterado e a mulher passa a ocupar outro lugar na sociedade. Num mundo globalizado, ágil, com rapidez de informações e permanentes transformações, ela precisou romper com o papel que vinha desempenhado através dos séculos – o de ser somente procriadora – e passar a ter vontade, empreendimento e ação. (CONFORTIN, 2003, p. 107).

No entanto, apesar de todas as lutas e conquistas, o papel social da mulher ainda é marginalizado por setores conservadores de nossa sociedade. Elas continuam acumulando funções e cuidando dos filhos ao mesmo tempo, por exemplo. Ou seja, ainda existe a premissa patriarcal que defende a ideia de que o ambiente feminino deve se restringir ao doméstico.

A experiência de si (FOUCAULT, 2015b) do sujeito mulher clariciano, orientada pela descoberta do apagamento da individualidade através da maquiagem e da retomada de si como um corpo moldado pela sociedade, bem como a noção de performances de gênero feminino, nos faz perceber como em nossa sociedade capitalista o corpo da mulher é suscitado a ser alterado, encoberto e desnudado por diversos mecanismos não-discursivos de poder, os quais agem para normatizar, normalizar e produzir o sujeito por meio de indumentárias, de apetrechos e de técnicas de apagamento – como problematizado no conto de Clarice Lispector.

Acreditamos, também, que o sujeito tem a possibilidade de resistir e de retomar a experiência de si a partir de um duelo com as técnicas normalizadoras. Por isso, o conto é finalizado com a seguinte imagem:

Foi ao espelho. Olhou-se profundamente. Mas ela não era mais nada. — Então — então de súbito deu uma bruta bofetada no lado esquerdo do rosto. Para se acordar. Ficou parada olhando-se. E, como se não bastasse, deu mais duas bofetadas na cara. Para encontrar-se. E realmente aconteceu. No espelho viu enfim um rosto humano, triste, delicado. Ela era Aurélia Nascimento. Acabara de nascer. Nas-ci-men-to (LISPECTOR, 1984, p. 43).

Portanto, as nossas análises mostram que a personagem Aurélia se percebeu apagada por todos os apetrechos estéticos, o que nos permite refletir sobre a personalidade desta personagem e a sua busca constante por maquiagens, mesmo com toda a sua beleza natural. Notamos que Aurélia perdeu a sua identidade na busca pelo corpo “perfeito”, e que só no final do conto acontece a descoberta de si, ou seja, o nascimento de uma nova mulher, como metaforiza o sobrenome da referida personagem, Nascimento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS.

Este artigo apresentou uma leitura analítica do conto “Ele me bebeu”, de Clarice Lispector. Nesta análise, pudemos verificar que a personagem Aurélia se sentiu apagada por apetrechos estéticos, como maquiagens, na busca por um corpo moldado pela sociedade imagética.

Podemos dizer que a personagem corresponde a uma mulher atravessada por estereótipos fincados em objetos de consumo. Trata-se de uma mulher que condicionou a sua felicidade a um processo de busca incessante por beleza. Este sentimento implica reconhecer que a personagem vive uma incompletude, dado que a sua beleza natural foi apagada em detrimento por uma busca incessante por um padrão de beleza normatizado pela sociedade narcisista.

Também pudemos observar que a personagem Aurélia ao encarar o espelho, sem a máscara obtida pela maquiagem, percebe a sua verdadeira essência, chegando a se redescobrir enquanto mulher. Este momento pode ser considerado como um processo de libertação e de desidentificação com um estereótipo feminino que busca alcançar o extremo da beleza ilusória.

É nessa orientação que retomamos as noções foucaultianas de produção de si e descoberta de si como fios da análise, tendo em vista que a experiência de si tornada literatura na narrativa clariceana tematiza o descobrir-se do sujeito como meio de produção de resistências à normatização estética da sociedade, além de tomar a gendrificação dos apetrechos estéticos como meio de normalizar e padronizar o corpo e a existência feminina.

Portanto, a fisionomia da personagem é moldada de acordo com uma performance que está fincada no falseamento da natureza do corpo feminino, por meio da necessidade de se encaixar em um padrão de beleza, ou seja, através do culto ao corpo perfeito, comprovando que os diferentes modos de ser da mulher não ocorrem apenas por motivações naturais, mas muito mais por motivações de ordem social.

Notas

¹ A este respeito, ver: DALCASTAGNÈ, Regina. *Literatura brasileira contemporânea: um território contestado*. Vinhedo: Horizonte; Rio de Janeiro: Eduerj, 2012.

Referências

BUTLER, J. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CONFORTIN, H. Discurso e Gênero: a mulher em foco. In: GHILARDI-LUCENA, M. I. (org.). *Representação do feminino*. Campinas, SP: Editora Átomo, 2003, p. 107-123.

DALCASTAGNÈ, R. *Literatura brasileira contemporânea: um território contestado*. Vinhedo: Horizonte; Rio de Janeiro: Eduerj, 2012.

FOUCAULT, M. *História da sexualidade 1: a vontade de saber*. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J.A. Guilhon Albuquerque. 2ª. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2015a.

FOUCAULT, M. *História da sexualidade 2: o uso dos prazeres*. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. 2ª. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2015b.

LISPECTOR, C. *Perto do coração selvagem*. São Paulo: Círculo do Livro, 1980.

LISPECTOR, C. *A Maçã no Escuro*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.

LISPECTOR, C. *A via crucis do corpo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

LISPECTOR, C. *A Paixão Segundo G.H.* Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

LISPECTOR, C. *A cidade sitiada*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

LISPECTOR, C. *Uma Aprendizagem ou o Livro dos Prazeres*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

LISPECTOR, C. *O Lustre*. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

ZOLIN, L. O. Crítica feminista. In: BONNICI, Thomas & ZOLIN, Lúcia Osana (Org.). *Teoria literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas*. 3. ed. (revista e ampliada). – Maringá: Eduem, 2009, p. 217-242.

ZOLIN, L. O. Questões de gênero e de representação na contemporaneidade. In: *Letras*. Santa Maria, v. 20, n. 41, p. 183-195, jul./dez. 2010. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/letras/article/view/12166/7560>. Acesso em: 24 de jan. de 2020.

Para citar este artigo

LIMA Neto, Izaías Serafim de; CARNEIRO, Ana Paula Lima; COSTA JUNIOR, José Veranildo Lopes. A estética do apagamento da identidade feminina em “Ele me bebeu”, de Clarice Lispector. *Miguiim – Revista Eletrônica do Netlli*, Crato, v. 9, n. 3, p. 457-466, set.-dez. 2020.

Os autores

Izaías Serafim de Lima Neto é mestrando em Letras pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.

Ana Paula Lima Carneiro é doutoranda em Letras pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.

José Veranildo Lopes da Costa Junior é Professor Adjunto do Departamento de Letras Estrangeiras da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.